

A ELISÃO NA FALA POPULAR DE SALVADOR

THE ELISION IN POPULAR SPEECH OF SALVADOR

Eleneide de Oliveira Silva¹
Juliana Ludwig Gayer²

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo ampliar a compreensão em relação aos contextos favoráveis à aplicação da elisão, um dos fenômenos de sândi externo. A elisão ocorre em fronteira de palavras, contexto em que normalmente a vogal baixa /a/ é apagada quando seguida de outra vogal diferente de /a/. A proposta é contribuir com uma descrição mais detalhada da elisão que ocorre no português brasileiro, considerando dados da fala popular da Bahia, retirados do banco PEPP (Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador), coordenado pela Professora Norma Lopes (UNEB). Selecionamos desse banco de dados oito entrevistas classificadas por sexo (masculino e feminino), escolaridade (fundamental e médio) e idade (25 a 35 e mais de 65), totalizando 1633 contextos propícios à aplicação do processo. Os dados referentes à elisão passaram pela análise estatística do Goldvarb 2001, levando em consideração algumas variáveis já analisadas em outras pesquisas, como Bisol (1996; 2002), Tenani (2004), Mateus e D'Andrade (2000), Cabré e Prieto (2005) e Ludwig-Gayer (2008). O Programa Goldvarb selecionou como relevantes as seguintes variáveis: categoria da segunda vogal (V2), domínio prosódico, acento, extensão do vocábulo, sexo, distância entre os acentos, combinação de palavras, informante e estrutura silábica de V2, indicando que os fatores vogal posterior alta, frase fonológica, contexto átona e átona, além de outros, estariam favorecendo a aplicação do processo na comunidade estudada.

Palavras-chave: Variação. Sândi externo. Elisão.

ABSTRACT: This research intends to understand the favorable contexts to the application of elision, one of the external sandhi phenomena. The elision occurs in word boundaries, context where usually the low vowel /a/ is deleted when followed by a different vowel. The proposal is to contribute to a more detailed description of elision that occurs in Brazilian Portuguese, considering popular speech data of Bahia, taken from PEPP (Studies Program on the Spoken Popular Portuguese of Salvador), coordinated by Professor Norma Lopes (UNEB). We selected eight interviews classified by sex (male and female), education (primary and secondary) and age (25-35 and over 65), totaling 1633 contexts where elision can apply. These contexts passed through statistical analysis of Goldvarb 2001, taking into account some variables already analyzed in other studies, as Bisol (1996, 2002), Tenani (2004), Matthew and D'Andrade (2000), Cabré and Prieto (2005) and Ludwig-Gayer (2008). The Goldvarb program selected the following variables as relevant: category of the second vowel (V2), prosodic domain, stress, vocabulary extension, sex, distance between the stresses, combination of words, informant and syllabic structure of V2, indicating that the factors high vowel, phonological phrase, unstressed environment, among others, would favor the application of process in the studied community.

Keywords: Variation. External sandhi. Elision.

¹ Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Assistente na UFBA.

1 INTRODUÇÃO

Os processos de sândi externo ocorrem para resolver o choque entre núcleos silábicos em fronteira de palavras e são encontrados não apenas em português, mas também em outras línguas, demonstrando que há uma tendência de evitar o hiato entre palavras nas línguas em geral. Esses processos são divididos em elisão, degeminação e ditongação. Em português, a aplicação de cada um dos processos de sândi está restrita a determinados contextos. A elisão, por exemplo, foco deste trabalho, ocorre em fronteira de palavras, ou de constituintes maiores, e afeta a vogal baixa /a/, a qual é elidida quando seguida de outra vogal diferente de /a/, como no exemplo *umescola* (*uma escola*). A degeminação ocorre quando, entre palavras, há uma sequência de vogais iguais ou semelhantes, as quais são fundidas, como no exemplo *pequenassim* (*pequena assim*). A ditongação ocorre quando temos, na sequência, uma vogal foneticamente alta e átona, a qual se torna glide com a aplicação do processo, como no exemplo *jespera* (*e espera*).

Vários trabalhos propuseram descrições sobre fenômenos de sândi externo em português brasileiro (Bisol, 1996; 2002; Tenani, 2004; Ludwig-Gayer, 2008), indicando que fatores como acento, domínio prosódico, etc. influenciam a aplicação de tais fenômenos. No entanto, pretendemos contribuir com uma descrição mais detalhada do fenômeno de elisão que ocorre no português brasileiro e de seus condicionadores na fala popular de Salvador. Bisol (1996), por exemplo, analisou os três fenômenos de sândi externo em dados de Salvador, além de outras cidades como Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. O *corpus* dessa autora partiu do Banco de Dados NURC (Projeto Norma Urbana Culta). Nesta pesquisa, pretendemos confrontar os resultados dessa autora (além de outros), já que também consideramos dados de Salvador, porém normas linguísticas diferentes, pois estamos analisando a fala popular, a partir da descrição dos dados retirados do banco PEPP (Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador), coordenado pela Professora Norma Lopes (UNEB).

2 O PROCESSO DE ELISÃO

O processo de elisão ocorre com o apagamento da vogal final /a/ quando esta é seguida de palavra que começa com outra vogal, diferente de /a/, ou seja, no contexto /a/#V. Por exemplo: *camisa usada* > *cami[zu]sada*, *merenda escolar* > *meren[des]colar*³. Notamos que, com o apagamento da vogal /a/ e o conseqüente desaparecimento da última sílaba da primeira palavra, os elementos desassociados são reajustados, formando nova sílaba com a vogal que permanece, no caso a primeira vogal da segunda palavra da seqüência. Esse fenômeno é conhecido também como ressilabação ou ressilabificação entre palavras.

2.1 RESTRIÇÕES QUANTO À APLICAÇÃO DO PROCESSO: DOMÍNIO PROSÓDICO E ACENTO

A elisão é o único processo de sândi externo que parece não se aplicar no interior da palavra. Segundo Collischonn (2005, p. 127), não temos em português, por exemplo, *gauchada* > **g[u]chada*. Dessa forma, podemos dizer que a elisão está restrita a domínios maiores do que o da palavra.

Se pensarmos na Hierarquia Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), por exemplo, podemos tecer algumas considerações em relação ao domínio de aplicação da elisão. Vejamos primeiramente os constituintes que fazem parte dessa hierarquia.

(1)	ENUNCIADO	U
	FRASE ENTOACIONAL	I
	FRASE FONOLÓGICA	φ
	GRUPO CLÍTICO	C
	PALAVRA FONOLÓGICA	ω
	PÉ	Σ
	SÍLABA	σ

³ Exemplos de Collischonn (2005, p. 126-127).

Segundo as autoras, os constituintes estariam hierarquicamente divididos desta forma, sendo que os constituintes menores estariam em uma posição mais baixa na hierarquia e seriam dominados por constituintes maiores. Nesse sentido, a sílaba seria dominada pelo pé, o pé seria dominado pela palavra fonológica, etc. Essa dominância indica que o pé é formado pelo conjunto de sílabas, a palavra fonológica é formada pelo conjunto formado por pés, e assim por diante.

Como a elisão está restrita a domínios maiores do que a palavra, os constituintes importantes neste caso são os que estão acima da palavra fonológica, ou seja, a partir do grupo clítico. Para esta pesquisa, os constituintes considerados foram grupo clítico, frase fonológica e enunciado. Vejamos cada um deles.

O constituinte grupo clítico é formado por uma palavra fonológica e um ou mais clíticos. Os clíticos são palavras funcionais que não portam acento e que dependem da palavra fonológica adjacente, como o *te* em *te considero*, o *me* em *me leve* ou *leve-me*, o *o* em *o leque*⁴, etc.

É importante deixar claro que consideramos grupo clítico as combinações de clítico mais palavra ou de palavra mais clítico, sendo o clítico uma palavra funcional monossilábica átona, conforme a lista de itens átonos proposta em Vigário (1999, p. 257) que é reproduzida a seguir.

(2)

a. a, com, de, em, por (e as contrações com artigos)	preposições
b. o(s), a(s)	artigos definidos
c. me, te, se, lhe(s), nos, vos, o(s), a(s)	pronomes pessoais
d. e, ou, mas	conjunções
e. que, se, de, em, por, a	complementizadores

Nos casos em que temos uma palavra funcional acentuada, normalmente com mais de uma sílaba, consideramos que ela forma sozinha uma palavra fonológica, pois tem acento próprio, o principal requisito para delimitarmos a palavra fonológica.

Considerando, então, o domínio do grupo clítico, a regra variável da elisão pode aplicar nesse contexto, como vemos em *na escola* > *n[i]scola*.

⁴ Exemplos de Bisol (2005, p. 248).

Outro domínio de aplicação da elisão, e, conforme alguns trabalhos, o preferencial para a regra, é a frase fonológica. Segundo Nespor e Vogel (1986), devemos partir da estrutura sintática para delimitarmos a frase fonológica. Ela deve incluir os elementos de uma projeção máxima XP até o seu núcleo. Isso quer dizer que o núcleo é uma categoria lexical: verbo, nome, etc. Tudo que estiver à esquerda desse núcleo (até o próximo núcleo) e que for seu complemento, dentro do XP, fará parte da mesma frase fonológica, como por exemplo [numa estreita rua]φ. Se o complemento estiver à direita, ele vai formar uma frase fonológica independente, como em [numa rua]φ [estreita]φ.

Mas, segundo a Teoria da Fonologia Prosódica, a frase fonológica tem a possibilidade de reestruturação, ou seja, a união de duas frases fonológicas quando a segunda for formada por um complemento não-ramificado (que porte um único acento). Dessa forma, as frases fonológicas [numa rua]φ [estreita]φ podem ser reestruturadas para formar uma única frase: [numa rua estreita]φ. A aplicação da elisão nesta frase fonológica produziria *numa ru[i]streita*.

Em relação ao constituinte enunciado, é importante salientar que, para este trabalho, ele foi considerado quando o contexto de vogais adjacentes entre palavras acontecia também em fronteira de frases fonológicas, como em [estudava]φ [uma...]φ. A aplicação da elisão resulta, nesse caso, na produção *estudav[u]ma*.

Além das questões relacionadas aos domínios de aplicação, a elisão sofre também restrições rítmicas, pois se aplica preferencialmente se as vogais envolvidas são átonas, como no próprio exemplo de Collischonn (2005, p. 127) *merend[e]scolar*. Algumas pesquisas mostraram que o acento tende a bloquear a aplicação do processo. Em primeiro lugar, podemos pensar que, se a primeira vogal for acentuada, ela não poderá ser apagada. Nesse caso, então, a elisão não poderá aplicar no caso de *araçá escuro* > **araç[i]scuro*.

No caso de a segunda vogal portar acento, a regra só será bloqueada categoricamente quando também incidir sobre V2 o acento frasal. O acento frasal, em português, recai na sílaba proeminente mais à direita da frase fonológica. Conforme Abaurre (1996), este acento precisa ser preservado por trazer informações entoacionais e sintáticas.

Collischonn (2007) compara os dados *cantava ópera* e *cantava ópera italiana*. Observamos que, no exemplo [cantava ópera] ϕ , o acento frasal incide na vogal tônica de *ópera*, bloqueando a elisão. Já em [cantava] ϕ [ópera italiana] ϕ , o acento frasal incide sobre a vogal tônica de *italiana* e não sobre *ópera*, criando contexto para a aplicação da regra.

3 METODOLOGIA

Os dados referentes à elisão que foram considerados nesta pesquisa passaram pela análise estatística do Programa GoldVarb 2001. Este tipo de análise, assim como a análise a partir do pacote de programas Varbrul, envolve os seguintes aspectos: definição da variável dependente, definição das variáveis independentes, delimitação da amostra, obtenção dos dados, transcrição e codificação dos mesmos, quantificação dos dados e interpretação dos resultados (Brescancini, 2002).

A variável dependente analisada nesta pesquisa compreende a aplicação ou a não aplicação da regra variável da elisão, como nos exemplos: *um[i]nfância* (aplicação da elisão) e *uma infância* (não aplicação da elisão). As hipóteses bem como as variáveis independentes foram constituídas com base no modelo de Ludwig-Gayer (2008), que considerou os resultados encontrados em outras pesquisas sobre o fenômeno.

3.1 HIPÓTESES E PERGUNTAS ADICIONAIS

Com base no trabalho de Ludwig-Gayer (2008), consideramos as seguintes hipóteses em relação à elisão:

- (1) A frase fonológica será o domínio preferencial para a aplicação da elisão, conforme sugere Bisol (1996; 2002);
- (2) O contexto ideal para a elisão será o de atonicidade máxima, conforme Bisol (1996; 2002);

- (3) A elisão será desfavorecida quando a 2ª vogal portar o acento principal (frasal), conforme Bisol (1996; 2002), Tenani (2004), Cabré e Prieto (2005) e Mateus e d'Andrade (2000);
- (4) A elisão será desfavorecida quando sua aplicação gerar choque de acentos, conforme Tenani (2004);
- (5) Espera-se um padrão de variação estável, no qual fatores como *sexo*, *idade* e *escolaridade* não tenham papel.

Assim como Ludwig-Gayer (2008), também consideramos perguntas adicionais aos dados. São elas:

⇒ Assim como em catalão, quando a 2ª vogal ocorrer em uma sílaba fechada, seu apagamento será favorecido?

⇒ A presença de uma palavra funcional favorecerá o apagamento de uma das vogais?

3.2 DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Para testar as hipóteses recém-listadas, partimos novamente do modelo metodológico de Ludwig-Gayer (2008) e consideramos as seguintes variáveis linguísticas independentes:

Acento

- (a) V átona + V átona (pegava os)
- (b) V átona + V tônica (nuclear) (na época)
- (c) V átona + V tônica (não-nuclear) (tinha uma)
- (d) V tônica + V átona (tá errado)
- (e) V tônica + V tônica (já era)

Domínio prosódico

- (a) Grupo clítico (a escola)
- (b) Frase (rua estreita)
- (c) Enunciado (maior do que a frase) (alternativa é)

Extensão do vocábulo

- (a) Qualquer extensão (uma empresa)
- (b) V + ... (a outra)
- (c) ... + V (vida é)

Distância entre os acentos

- (a) Acentos adjacentes (amanhã eu)
- (b) 1 sílaba (vida é)
- (c) 2 sílabas (uma infância)
- (d) + 2 sílabas (uma inteligência)

Combinação de palavras

- (a) funcional + não-funcional (a oportunidade)
- (b) não-funcional + funcional (botava uma)
- (c) funcional + funcional (a ele)
- (d) não-funcional + não-funcional (capitalista influencia)

Estrutura silábica de V2

- (a) sílaba aberta (na época)
- (b) sílaba fechada (minha irmã)

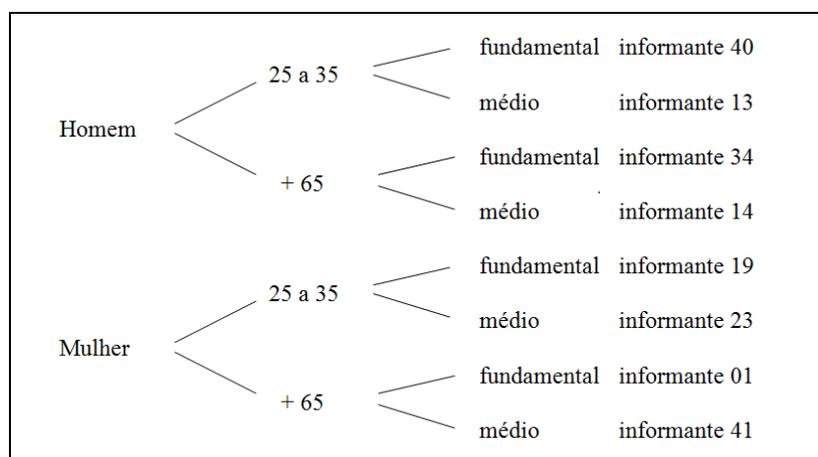
Categoria de V2

- (a) V anterior alta (pequena e)
- (b) V anterior média alta (pra eles)
- (c) V anterior média baixa (violência é)
- (d) V posterior alta (olhava os)
- (e) V posterior média alta (areia ou)
- (f) V posterior média baixa (pessoa ótima)

3.3 DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA

O *corpus* analisado nesta pesquisa foi coletado a partir de oito entrevistas da cidade de Salvador que compõem o banco de dados PEPP (Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador). A distribuição dos informantes foi regulada pelas variáveis *sexo*, *idade* e *escolaridade*. Dessa forma, selecionamos quatro informantes de cada sexo, de cada faixa etária e de cada grau de escolaridade, como podemos visualizar no esquema a seguir.

Esquema 1 – Distribuição dos informantes



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em uma primeira análise das transcrições ortográficas das entrevistas, encontramos um total de 1633 contextos propícios à elisão (a#V), sendo que para cada informante encontramos os seguintes contextos:

Quadro 1 – Contextos por informante

informante 01	166
informante 13	269
informante 14	200
informante 19	267
informante 23	192
informante 34	158

informante 40	179
informante 41	202
TOTAL	1633

Fonte: Elaborado pelas autoras.

É importante deixar claro quais os contextos vocálicos considerados na análise da elisão. Foram eles:

Quadro 2 – Contextos vocálicos considerados

a#[ɛ]
a#[e]
a#[i]
a#[ɔ]
a#[o]
a#[u]
e seus correspondentes nasalizados

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Achamos importante, ainda, delimitar como as variáveis propostas nesta pesquisa foram combinadas nas análises realizadas. Conforme Brescancini (2002, p. 50), a configuração ideal, em uma análise estatística, é aquela em que “todas as células formadas pelo cruzamento das variáveis contêm dados ou, em outras palavras, todos os grupos de fatores são *ortogonais*”. Então, pode-se dizer que cada fator de determinado grupo se combina livremente com os fatores de outro grupo.

Considerando as nossas variáveis extralinguísticas, por exemplo, o grupo *informante* não se combina com os outros, já que o informante preencherá apenas um fator de cada grupo – *feminino* ou *masculino*, *25 a 39* ou *+56*, *primário* ou *secundário* –, deixando as demais células sem dados. Entre as variáveis linguísticas, também notamos essa relação de não ortogonalidade: a variável *acento*, por exemplo, também não se combina livremente com o grupo *distância entre os acentos*, pois essa combinação pode gerar células vazias. Por essa razão, realizamos duas rodadas. Na primeira rodada, foram considerados os fatores

acento, domínio prosódico, extensão do vocábulo, estrutura silábica de V2, categoria de V2, sexo, idade e escolaridade. Na segunda rodada, foram considerados os fatores extensão do vocábulo, distância entre os acentos, combinação de palavras, estrutura silábica de V2 e informante.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados do nosso trabalho serão apresentados em dois grupos, que denominamos de resultados da primeira rodada e de resultados da segunda rodada. Após a análise, nossos resultados mostraram, em primeiro lugar, que, dentre os 1633 contextos de vogal /a/ mais outra vogal em fronteira de palavras, a elisão se aplicou em 589 dados, enquanto em 1044 a regra não ocorreu, ou seja, encontramos uma taxa de 36% de aplicação da elisão e de 63% de não aplicação do processo.

4.1 RESULTADOS DA PRIMEIRA RODADA

Em relação aos grupos de fatores relevantes para essa aplicação, na primeira rodada, o programa Goldvarb selecionou os seguintes grupos: categoria de V2, domínio prosódico, acento, extensão do vocábulo e sexo (apresentados conforme ordem de seleção pelo programa). Apresentaremos, a seguir, os resultados referentes a cada um desses grupos.

Tabela 1 – Categoria de V2

FATORES	APLIC/TOTAL	%	PESO RELATIVO
V posterior alta (olhava os)	231/329	70	0,81
V anterior média alta (cozinha eu)	57/198	28	0,50
V posterior média baixa (minha opinião)	23/75	30	0,46

V posterior média alta (vida hoje)	17/68	25	0,46
V anterior alta (minha irmã)	213/676	31	0,39
V anterior média baixa (ela era)	48/287	16	0,34
TOTAL	589/1633	36	

Input: 0,35

Significância: 0,000

De acordo com os resultados da Tabela 1, a elisão é mais favorecida quando a segunda vogal é posterior alta, com peso relativo de 0,81, e é menos favorecida quando a segunda vogal é anterior média baixa, com peso relativo de 0,34, e quando a vogal é anterior alta, com peso 0,39. Os resultados relacionados às vogais anterior média alta, posterior média baixa e posterior média alta parecem indicar pouca relevância quanto à aplicação da elisão, pois apresentam pesos relativos no ponto neutro ou muito próximos a ele: 0,50; 0,46; 0,46; respectivamente.

Bisol (1996) encontrou resultado semelhante, pois a vogal posterior alta também se mostrou favorecedora (0,61), enquanto as vogais anteriores alta e média baixa demonstraram não favorecimento, com pesos 0,43 e 0,42, respectivamente. A autora ainda encontra favorecimento no contexto de vogal posterior média, com peso relativo 0,58.

Em Ludwig-Gayer (2008), a elisão também se mostrou desfavorecida quando a vogal for anterior alta (0,31). Mas, no trabalho da autora, os contextos de vogais posteriores parecem não exercer grande influência na aplicação da regra, já que os resultados mostraram pesos próximos ao ponto neutro (0,52 para posterior alta, e 0,48 para posterior média).

No trabalho de Bisol (2002), as vogais posteriores mostraram ser favorecedoras à aplicação da elisão, com peso relativo 0,62; enquanto as vogais frontais parecem não favorecer a regra, com peso relativo 0,43. Porém, neste trabalho, Bisol não subdivide as vogais posteriores em alta, média e baixa.

Os resultados desta pesquisa parecem se aproximar mais dos de Bisol (1996), pois a vogal posterior alta mostra mais favorecimento, enquanto as vogais que não favorecem são anteriores.

Tabela 2 – Domínio prosódico

FATORES	APLIC/TOTAL	%	PESO RELATIVO
frase fonológica (minha irmã)	254/471	53	0,74
enunciado (maior do que a frase) (estudava uma)	301/826	36	0,51
grupo clítico (na escola)	34/336	10	0,16
TOTAL	589/1633	36	

Input: 0,35

Significância: 0,000

Em relação ao domínio prosódico, a frase fonológica se mostrou favorecedora à aplicação da elisão, com peso relativo de 0,74. Já o fator grupo clítico obteve peso relativo de 0,16, se mostrando não favorecedor. O fator enunciado demonstrou ser irrelevante com relação à aplicação da elisão, com peso de 0,51, considerado muito próximo do ponto neutro.

No estudo de Bisol (1996), o grupo de fator domínio prosódico não foi selecionado na análise da elisão. Já no trabalho de Ludwig-Gayer (2008), a frase fonológica também se mostrou favorecedora (0,68), mas enunciado e grupo clítico pareceram não favorecer, com peso relativo 0,38 e 0,32, respectivamente.

Em Bisol (2002), o fator frase fonológica apresentou peso favorecedor à aplicação da elisão (0,56); o grupo clítico apresentou peso relativo 0,37, mostrando não favorecer a regra; e o fator enunciado apresentou peso relativo 0,38, também demonstrando ser desfavorecedor à regra da elisão.

Os resultados da nossa pesquisa se aproximam dos de outros trabalhos, já que encontramos a frase fonológica como favorecedora e o grupo clítico como não favorecedor.

Tabela 3 – Acento⁵

FATORES	APLIC/TOTAL	%	PESO RELATIVO
V átona + V átona (pegava os)	338/755	44	0,62
V átona + V tônica (não-nuclear) (tinha uma)	237/611	38	0,41
V átona + V tônica (nuclear) (minha época)	14/110	12	0,14
TOTAL	589/1476	39	

Input: 0,35

Significância: 0,000

Nesta tabela, verificamos que o contexto de atonicidade máxima é o que favorece a aplicação da regra, com peso relativo de 0,62. Quando V2 é tônica nuclear, ou seja, quando possui o acento frasal, a regra parece ser bastante desfavorecida, conforme o peso relativo de 0,14. O contexto de vogal átona e tônica não nuclear demonstrou também não ser favorecedor à elisão, com peso relativo 0,41.

Assim como nos nossos resultados, no trabalho de Bisol (1996), o contexto de vogais átonas também se mostrou favorecedor para a regra da elisão, com peso relativo 0,63, e o contexto de vogal átona + vogal tônica foi desfavorecedor à elisão, com peso relativo 0,16.

Em Ludwig-Gayer (2008), a atonicidade máxima também pareceu ser favorecedora à elisão, com peso relativo de 0,59. O contexto vogal átona + tônica não nuclear apresentou peso 0,47, que pode ser considerado próximo ao ponto

⁵ Para esse grupo de fator, precisamos retirar da análise os fatores: vogal tônica e átona, vogal tônica e tônica, pois eles geraram *knockouts*, pois não encontramos casos de aplicação da elisão nesses contextos. Isso já era esperado, pois, se a vogal /a/ for acentuada, provavelmente ela não será apagada. A retirada dos fatores explica também a redução no número total de dados.

neutro. E o contexto átona + tônica nuclear se mostrou desfavorecedor, com peso 0,16.

Bisol (2002) encontrou os pesos relativos 0,57 para o contexto de atonicidade máxima, 0,52 para o contexto átona + tônica não nuclear, e 0,18 para o contexto átona + tônica nuclear.

Vemos, então, que os resultados relacionados à questão do acento se aproximam dos trabalhos que serviram de base.

Tabela 4 – Extensão do vocábulo⁶

FATORES	APLIC/TOTAL	%	PESO RELATIVO
qualquer extensão (respeitava os)	482/1177	40	0,55
... + V (quarenta e)	107/331	32	0,32
TOTAL	589/1508	39	

Input: 0,35

Significância: 0,000

Apesar de o peso relativo 0,55 ser considerado por alguns autores como próximo ao ponto neutro, o que verificamos com esse resultado é que o fator qualquer extensão favorece mais a elisão do que a combinação palavra + vogal, com peso relativo de 0,32, que se mostra não favorecedor.

Em Ludwig-Gayer (2008), o fator qualquer extensão (0,55) também favorece mais a aplicação da regra. Nas combinações vogal+palavra e palavra+vogal, por exemplo, a elisão parece ser desfavorecida, com peso relativo 0,37 e 0,39, respectivamente.

Os resultados desta pesquisa se aproximam dos resultados de Ludwig-Gayer (2008), em que a combinação qualquer extensão é mais favorecedora à elisão do que os outros contextos.

⁶ Para esse grupo de fator, precisamos retirar da análise o fator vogal+palavra, pois ele gerou *knockout*, já que não encontramos casos de aplicação da elisão nesse contexto. Essa não aplicação pode ser explicada devido ao bloqueio do monomorfema, como interpretado em Bisol (2002, p. 244), a qual afirma que “a restrição ao apagamento de monomorfemas que não deixam vestígios tem caráter universal e atua em qualquer nível estrutural”. Isso também explica a redução no número total de dados.

Tabela 5 – Sexo

FATORES	APLIC/TOTAL	%	PESO RELATIVO
Feminino	317/827	38	0,56
Masculino	272/806	33	0,43
TOTAL	589/1633	36	

Input: 0,35

Significância: 0,000

Vemos, na Tabela 5, que o sexo feminino parece ser mais favorecedor à elisão, com peso 0,56, do que o sexo masculino, que obteve peso relativo de 0,43, parecendo não favorecer a regra da elisão.

Em Bisol (1996) o fator feminino também demonstrou ser mais favorecedor à elisão, com peso relativo 0,57; já o fator masculino demonstrou desfavorecer a regra, com peso 0,36. Já em Ludwig-Gayer (2008), este grupo de fator não foi selecionado pelo programa na análise da elisão.

4.2 RESULTADOS DA SEGUNDA RODADA

Após apresentarmos os resultados referentes à primeira rodada, partimos para a descrição dos resultados encontrados na segunda rodada. Na segunda rodada, foram selecionados seis grupos de fatores: categoria de V2, extensão do vocábulo, distância entre os acentos, combinação de palavras, informante e estrutura silábica de V2. A ênfase aqui será dada aos grupos de fatores ainda não considerados/selecionados na primeira rodada. São eles: distância entre os acentos, combinação de palavras, informante e estrutura silábica de V2.

Tabela 6⁷ – Distância entre os acentos

FATORES	APLIC/TOTAL	%	PESO RELATIVO
1 sílaba (era uma)	253/779	32	0,64
+ 2 sílabas (uma inteligência)	56/164	34	0,37
2 sílabas (cinquenta e tantos)	280/630	44	0,35
TOTAL	589/1573	37	

Input: 0,65

Significância: 0,048

Segundo a Tabela 6, o fator distância de uma sílaba parece favorecer a elisão, com peso relativo de 0,64, contrariando as nossas expectativas. Os fatores distância de duas ou mais sílabas parecem não favorecer a regra, com pesos relativos de 0,35 e 0,37, respectivamente.

Em Ludwig-Gayer (2008), os resultados indicaram que quanto maior a distância entre os acentos, maior a chance de a regra da elisão se aplicar. Quando a distância é de mais de duas sílabas, a regra é mais favorecida (0,70) do que quando a distância é de apenas duas sílabas (0,58). Já se os acentos estão separados por uma única sílaba, a elisão é desfavorecida, com peso relativo 0,37.

Tabela 7 – Combinação de palavras

FATORES	APLIC/TOTAL	%	PESO RELATIVO
não-funcional + não-funcional (própria educação)	68/272	25	0,61
funcional + não-funcional (uma infância)	144/512	28	0,57

⁷ Para esse grupo de fator, precisamos retirar da análise o fator acentos adjacentes, pois ele gerou *knockout*, já que não encontramos casos de aplicação da elisão nesse contexto, como em *já era*. Isso também explica a redução no número total de dados.

funcional + funcional (para o)	39/185	21	0,57
não-funcional + funcional (botava uma)	338/664	50	0,37
TOTAL	589/1633	36	

Input: 0,65

Significância: 0,048

Em relação à combinação de palavras, os resultados indicam que o contexto não-funcional + não-funcional demonstrou ser mais favorecedor à elisão, com peso relativo de 0,61, do que os contextos funcional + não-funcional e funcional + funcional, que obtiveram peso relativo 0,57, também favorecedor à regra. Quanto ao contexto não-funcional + funcional, obtivemos um peso relativo de 0,37, o que parece indicar um desfavorecimento da regra.

Em Ludwig-Gayer (2008), o contexto de /a/ em uma palavra não-funcional parece favorecer a aplicação da regra, com um maior favorecimento quando a segunda palavra for funcional (0,64) do que quando for não-funcional (0,55). Já quando a primeira palavra é funcional, a regra parece ser desfavorecida, independentemente de ser combinada com uma palavra funcional (0,36) ou não-funcional (0,30).

Para Bisol (2002), a maioria das palavras funcionais é constituída de uma só vogal e, por isso, pode ser considerada monomorfema. Segundo a autora, quando o monomorfema ocupa a segunda posição, a elisão é favorecida, com peso relativo 0,68 e quando ele ocupa a primeira posição, a aplicação da regra é desfavorecida, com peso relativo 0,23.

Os resultados desta pesquisa não estão de acordo com os trabalhos que serviram de base com relação a esse grupo de fator, pois a combinação com uma palavra funcional na primeira posição parece favorecer a regra, e não desfavorecer, como em outros trabalhos.

Tabela 8 – Informante

FATORES	APLIC/TOTAL	%	PESO RELATIVO
Informante 13 (H-N-EM)	85/269	31	0,62
Informante 01 (M-V-EF)	46/166	27	0,56
Informante 14 (H-V-EM)	71/200	35	0,54
Informante 40 (H-N-EF)	60/179	33	0,52
Informante 34 (H-V-EF)	56/158	35	0,48
Informante 41 (M-V-EM)	74/202	36	0,47
Informante 23 (M-N-EM)	79/192	41	0,39
Informante 19 (M-N-EF)	118/267	44	0,38
TOTAL	589/1633	36	

Input: 0,65

Significância: 0,048

H- homem; M- mulher; V- mais de 65 anos; N- 25 a 35 anos; EF- Ensino Fundamental; EM- Ensino Médio.

Segundo a Tabela 8, os informantes 13 (homem) e 1 (mulher) parecem aplicar mais a elisão, com pesos relativos 0,62 e 0,56, respectivamente. Além disso, os informantes 23 e 19 (ambos mulheres) parecem não aplicar muito a regra, pois obtiveram 0,39 e 0,38 de peso relativo, respectivamente. Os demais informantes parecem não estar influenciando a regra, pois permaneceram com pesos relativos próximos ao ponto neutro, variando de 0,47 a 0,54.

Tabela 9 – Estrutura silábica de V2

FATORES	APLIC/TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fechada (minha irmã)	311/794	39	0,52
Aberta (minha idade)	278/839	33	0,47
Total	589/1633	36	

Input: 0,65

Significância: 0,048

Apesar de o programa selecionar o grupo de fator como relevante, acreditamos que os pesos relativos encontrados ficaram muito próximos do ponto neutro (0,52 e 0,47). Por esse motivo, vamos considerar que esses resultados parecem indicar que a estrutura silábica de V2 não influencia a aplicação ou a não aplicação da regra da elisão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise proposta nesta pesquisa, verificamos que a aplicação da elisão é favorecida quando temos os seguintes contextos: V2 posterior alta, frase fonológica, atonicidade máxima, qualquer extensão, sexo feminino, distância entre acentos de uma sílaba, combinação de palavras não funcionais.

A descrição desses contextos favorecedores nos traz formas de respondermos às nossas hipóteses de trabalho, além das nossas questões adicionais aos dados. Retomaremos a seguir cada uma das hipóteses e das questões adicionais.

(1) A frase fonológica será o domínio preferencial para a aplicação da elisão, conforme sugere Bisol (1996; 2002). Nesta pesquisa, confirmamos esta hipótese, pois o contexto da frase fonológica foi o preferencial para a regra se aplicar.

(2) O contexto ideal para a elisão será o de atonicidade máxima, conforme Bisol (1996; 2002). Esta hipótese também foi confirmada, já que o contexto de atonicidade máxima foi o domínio de maior aplicação da elisão.

(3) A elisão será desfavorecida quando a 2ª vogal portar o acento principal (frasal), conforme Bisol (1996; 2002), Tenani (2004), Cabré e Prieto (2005) e Mateus e d'Andrade (2000). Nossos resultados mostraram também um desfavorecimento da elisão quando V2 porta acento principal, confirmando a hipótese inicial.

(4) A elisão será desfavorecida quando sua aplicação gerar choque de acentos, conforme Tenani (2004). Esta hipótese não foi confirmada, pois encontramos favorecimento em contextos de distância de uma sílaba entre as palavras. Este resultado não era esperado, pois, com a aplicação da elisão, o choque de acentos é gerado, como em *era uma*.

(5) Espera-se um padrão de variação estável, no qual fatores como *sexo, idade e escolaridade* não tenham papel. Em nossos dados, o grupo de fator *sexo* foi selecionado, indicando que a regra parece ser mais aplicada pelas mulheres. Acreditamos que outros fatores estejam influenciando essa tendência, mas ainda não conseguimos uma resposta satisfatória para isso. Essa questão será retomada em pesquisas futuras.

Depois de respondermos nossas hipóteses, retomaremos as perguntas adicionais. A primeira delas diz respeito à tendência de favorecimento da regra em caso de sílaba fechada. Apesar de o programa selecionar o grupo de fator estrutura silábica de V2, encontramos pesos relativos muito próximos do ponto neutro: 0,52 para sílaba fechada e 0,47 para sílaba aberta. Pelo fato de os pesos estarem próximos ao ponto neutro, não consideramos que o fator sílaba fechada esteja favorecendo a aplicação da elisão na comunidade estudada.

Em relação à questão da presença de uma palavra funcional favorecer o apagamento de uma das vogais, encontramos casos da elisão ser favorecida em combinações de funcional mais não funcional e funcional mais funcional, demonstrando que a palavra funcional pode estar influenciando a aplicação da elisão.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. (1996). Acento frasal e processos fonológicos segmentais. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 2, n. 31, p. 41-50.

BISOL, L. (2002). A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 231-250.

_____. (2005). Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 243-255.

_____. (1996). Sândi externo: O processo e a variação. In: KATO, M. (Org.) *Gramática do português falado*. Volume V: convergências. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, p. 55-94.

BRESCANCINI, C. (2002). A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 13-75.

CABRÉ, T.; PRIETO, P. (2005). Positional and metrical prominence effects on vowel sandhi in Catalan. In: FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; FREITAS, M. J (Eds.) *Prosodies – with special reference to Iberian languages*. Berlim: Mouton de Gruyter, p. 123-157.

COLLISCHONN, G. (2005). A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 101-133.

_____. (2007). Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAÚJO, G. A. de. (Org.) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 195-223.

LUDWIG-GAYER, J. (2008). *Os processos de sândi externo: análise variacionista da fala de São Borja*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 194f.

MATEUS, M. H.; D'ANDRADE, E. (2000). Phonological processes. In: *The phonology of portuguese*. New York: Oxford, p. 129-148.

NESPOR, M.; VOGEL, I. (1986). *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.

TENANI, L. (2004). O bloqueio do sândi vocálico em PB e em PE: evidências da frase fonológica. In: *Revista Organon: Estudos de fonologia e morfologia*, v. 18, n. 36, Porto Alegre, UFRGS.

VIGÁRIO, M. (1999). On the prosodic status of stressless function words in European Portuguese. In: HALL, T.; KLEINHENZ, U. (Eds.) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, p. 254-294.